Brasília como cenário na festa de seus 25 anos

Os principais filmes produzidos ou baseados na cidade na Mostra do CORREIO que começa amanhã

Prepare-se para um encontro cinematográfico com cineastas brasilienses. Prepare-se, também, para um encontro com os cariocas que fizeram de Brasília o cenário de seus filmes. Ao todo, de amanhã até o próximo domingo, serão exibidos nove filmes de curta-metragem e seis longas numa mostra intitulada **Cinema no Jubileu de Prata do CB**.

Patriamada, de Tisuka Yamazaki, que abre a mostra, e **Muda Brasil**, de Oswaldo Caldeira, que a encerra, serão exibidos, em sessão única às 21 horas, para convidados. Ninguém deve ficar preocupado se não receber convite, pois os filmes entram em circuito comercial nesta quinzena (**Patriamada**, dia 7, e **Muda Brasil**, dia 14). De terça a sábado, os filmes serão exibidos às 20 e 22 horas, com exceção de **A Idade da Terra**, de Glauber Rocha, quinta-feira, sessão única às 21 horas. (Veja a programação completa no box).

Patriamada, o terceiro longa-metragem de Tisuka Yamazaki, procura mostrar "o que levou o povo brasileiro a cantar pela liberdade em 1984 e de que maneira se colocaram as várias gerações diante do panorama político nacional".

Paralelamente, diz Tisuka "o filme fala dos sentimentos dos três personagens que, com seus conflitos, dúvidas e esperanças representam a emoção que eu observei nas pessoas diante dos acontecimentos".

— O filme enfoca uma certa perplexidade que há em relação ao País e ao nosso futuro. Não sabemos o que vai acontecer com a gente. Clamamos pelas diretas, mas elas acabaram não acontecendo. Somos frustrados diariamente e não nos sentimos representados politicamente. Na minha geração, por exemplo, muitos foram lesados em sua liberdade, mas agora precisamos recuperar o amor à Pátria. Ela é a única que temos e está cheia de gente querendo trabalhar. O povo brasileiro quer esse direito de amar a sua Pátria, mas também quer se sentir respeitado. Eu fiz **Patriamada** pensando, justamente, em emocionar as pessoas quando perceberem esse lance de patriotismo.

Para Tisuka, "o trabalho de direção não pode mais ser individual, tem que ser de toda a equipe. Cada membro do grupo tem que ter prazer em fazer o filme, em ajudar a criar cada imagem. Isto é exercer uma vida democrática. O trabalho de cooperativa no cinema não é mais experiência, mas uma realidade".

O filme conta a história de três personagens envolvidos com os acontecimentos políticos de 1984: a jornalista Carolina Diniz (Débora Bloch), o cineasta Goyás (Buza Ferraz) e o empresário Rocha Queiroz (Walmor Chagas). Eles lutam pelas diretas, se decepcionam com a derrota da Emenda Dante de Oliveira e se engajam, cada um a seu modo, na campanha de Tancredo Neves. Paralelamente, convivem com questões pessoais como a realização profissional e o lado afetivo.

BRASILIA

O cineasta paraibano, Vladimir Carvalho, autor de três longas-metragens — **O País de São Saruê, O Homem de Areia** e **O Evangelho Segundo Teotônio** — escolheu para a Mostra do Jubileu de Prata do CB, quatro curtas de sua fase candanga. São eles: **Vila Boa de Goyaz, Quilombo, Brasília Segundo Feldman**, e **Vestibular 70**. Juntos, estes filmes compõem a mostra **Cinema Brasiliense**. Vladimir é autor de vários curtas. De sua fase nordestina destacam-se **Romeiros da Guia, Incelença para um Trem de Ferro, A Bolandeira** e **A Pedra da Riqueza**.

A **Mostra do Jubileu de Prata** apresentará, ainda, cinco curtas sobre Brasília. **Seu Ramulino**, de Marcos Mendes, apresenta o personagem-título em sua lide diária, como agricultor sem terra.

Fala Brasília, de Nélson Pereira dos Santos, é um filme histórico. Realizado na primeira metade dos anos 60, este documentário mostra os falares dos candangos-construtores da nova capital. A direção é de Nélson, coadjuvado pelos alunos que freqüentaram seu curso de cinema, no extinto Departamento de Comunicação de Massa da UnB.

Brasília, Contradições de Uma Cidade Nova, de Joaquim Pedro de Andrade, aponta os desencontros da cidade concebida para ser o centro geopolítico do Brasil e a mais moderna cidade do mundo, mas que, de repente, se viu cercada de cidades-satélites, que pareciam grandes favelas (isto, nos anos 60). O poeta Ferreira Gullar narra o filme, que tem como co-roteirista o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet.

Taguatinga em Pé de Guerra, de Armando Lacerda, documenta, de forma ficcional, episódio marcante na história daquela satélite: o prefeito Israel Pinheiro manda retirar, das lavadeiras de Taguatinga, uma bamba de água, sem a qual não poderão mais trabalhar. O instrumento das lavadeiras deveria servir para aguar o parreiral do Sr. Pinheiro. Revoltadas, as taguatinguenses resistiram até ganhar a causa, ou seja, reaver sua bamba de água.

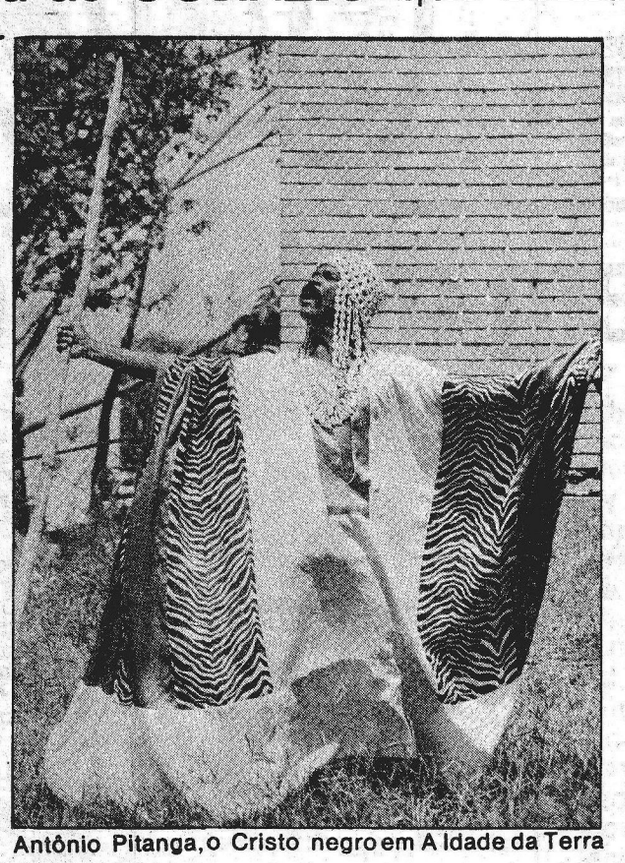
ARAGUAIA

A Difícil Viagem, filme de Geraldo Moraes, marcou sua estréia no longa-metragem. O cineasta, um gaúcho radicado em Brasília há 15 anos, é professor de Cinema e TV no Departamento de Comunicação da UnB. O filme foi bem recebido pela pela crítica. Nélson Hoineff, presidente da Associação de Críticos do Rio de Janeiro viu o filme assim:

"A experiência do personagem Evandro, de **A Difícil Viagem** (1983), tem um pouco de um momento de todos nós. Aos 40 anos, desgostoso com sua empresa de engenharia e com as frustrações impostas pela cidade grande, ele resolve deixar tudo pelo inusitado do Araguaia. Lá, Evandro (Paulo José) descobre um novo Brasil, de índios, curandeiros e peixes de 100 quilos. Mas se depara, também, com um Brasil que já conhecia, de corrupção, clientelismo e sede de poder.

Acompanhado a trajetória de seu personagem por locais como a Barreira do Pequi, em Aruanã, a 500 quilômetros de Brasília, o diretor Geraldo Moraes mostra recantos nunca antes vistos no cinema. A essa viagem, Moraes confere conotações simbólicas — um rio que deve ser transposto, uma barreira que divide a vida — mas nunca tira os pés do Brasil. Seu filme é sobretudo o espelho de uma viagem sem adereços a um Brasil que quase não conhecemos. Uma fuga utópica é contada com uma narrativa muito simples, que não exige grandes recursos. Como seu personagem central, **A Difícil Viagem** quer apenas garantir um espaço para sua existência".

Idade da Terra: requiem para Glauber (foto) e Mário



Antônio Pitanga, o Cristo negro em A Idade da Terra

GLAUBER

Glauber Rocha assina o filme mais polêmico da "Mostra do Jubileu de Prata": **A Idade da Terra**. Para se ter uma idéia, quando o filme foi lançado no Rio, o **Jornal do Brasil** reuniu seis críticos para analisá-lo: dois detestaram (Ely Azeredo e Ivanir Yazbeck) que intitularam suas críticas como os seguintes dizeres: **Uma Odisséia do Tédio** e **Sabotagem! Sabotagem!**, além de atribuir-lhe uma só estrela (cotação de um a cinco). O crítico Roberto Mello deu duas estrelas na bolsa de cotações e intitulou sua critica com desagrado **Monótono, sem Humor**. Susana Shild, José Carlos Avellar e Rogério Bitarelli deram três estrelas ao último longa-metragem de Glauber Rocha, e os respectivos títulos: **Realidade Fragmentada, Tela em Transe** e **Olho Selvagem**. Ninguém deu quatro estrelas ao filme, muito menos cinco. Tomemos, então, duas críticas do filme, para que tenhamos uma idéia das reações que causou na turma do Caderno B.

Ivanir Yazbeck, sob o título de **Sabotagem! Sabotagem!**

"Um dos maiores receios do diretor Glauber Rocha nessa expectativa emocional que precedeu o lançamento da "Kúpula barroka, que conclui a katedral" de sua obra cinematográfica — segundo uma autodefinição — era o de que as bobinas de projeção fossem trocadas propositalmente, numa sabotagem planejada por "forças ocultas".

— Espero — pede ele — que mesmo o elytorado inimigo exerça (uma) patrulhagem junto a todos os cinemas do Brazyl, onde "a Idade" e outros filmes brasileiros sejam exibidos.

Atendendo ao pedido, temos o dever de informar que houve sabotagem durante a projeção do citado filme na sessão das 2 da tarde no Cinema Caruso, no dia do lançamento: a quarta parte foi exibida antes da terceira metade do segundo segmento. A sexta parte foi mutilada numa seqüência importante no desenrolar do climax. Na segunda bobina, quando o clima de suspense atinge seu momento mais emocionante e intenso, a projeção se torna trêmula e confusa denunciando alto grau etílico no operador. Mas há um erro maior, já que algum sabotador inteligente descobriu um mecanismo diabólico que obriga a mesma seqüência a se repetir dezenas de vezes, num ritmo cansativo, que só serviu para estender o filme por intermináveis 2h45min. Lamentável, também, foi a omissão dos letreiros artísticos e técnicos no início ou ao final do filme, num desrespeito imperdoável a toda a brilhante equipe que participou da construção da torre".

Rogério Bitarelli, sob o título de **Olho Selvagem**, escreveu:

"A **Idade da Terra** é um discurso político e cultural sobre a realidade. Mas esta realidade é flutuante, construída a partir da relatividade das coisas do mundo e do espaço. Um olho em estado selvagem. Pavor e apaziguamento. A beleza, diziam os surrealistas, será convulsiva, ou não será. Esta beleza pertence aos mitos e procura contornar a transparência da narrativa tradicional. A tragédia reconstruída dos "gregos aos Estados Unidos", com um personagem unicórnio, vestígio dos tempos arcaicos, alegoria patriarcal e religiosa profana. Nas terras de Brasília, da Bahia e de Copacabana, transformadas em labirintos, o que mais importa são os movimentos impetuosos dos personagens, os monólogos com frases de Camões e versículos bíblicos. O que fica é o efeito global; cada detalhe separadamente perde o significado para dar vez ao efeito arbitrário. As curvas provocadas pela câmara eliminam o enquadramento horizontal-vertical e a imitação da natureza. A idealização é substituída pela "verdade e imaginação" segundo o cordel e os mitos. E os mitos do sincretismo religioso afro-brasileiro se cruzam com aqueles fabricados pela sociedade administrada e com humor de um Cristo-Macunaíma distribuindo refrigerantes multinacionais aos apóstolos".

Quando em 1982, Glauber morreu, o País ficou comovido. Muita gente se dispôs a rever a delirante viagem do mais radical dos diretores brasileiros. Com o cadáver de Glauber ainda quente, muitos reviram sua posição. Os críticos mais contumazes do filme continuaram pouco receptivos. Muitos, porém, teceram loas (e lágrimas de crocodilo) ao cineasta incompreendido.

Coisas da vida. O que não se pode, porém, negar a **Idade da Terra** é sua ousadia. Está aí um filme que só corre riscos, que faz questão de quebrar estruturas já codificadas, viciadas.

Para o brasiliense, esta nova exibição de **A Idade da Terra** reveste-se de caráter especial. E a oportunidade única de se ver a imagem do repórter Mário Eugênio registrada em celulóide. No filme, ele contracena com Maurício do Valle, na porta da Catedral de Brasília.

MEMÓRIAS

Memórias do Medo, Longa-metragem de Alberto Graça, é um filme singular. Antes da Abertura Política, o mineiro Graça resolveu dar sua visão do silêncio dos anos 70. Para tal, construiu uma história em Brasília, onde os personagens dividem-se pelas superquadras e Congresso Nacional O filme não teve a repercussão que merecia e dividiu a crítica. Muitos gostaram, outros não. Este é o caso de Nélson Hoineff:

"Há muitas lembranças em **Memórias do Medo**. Lembranças do período político mais conturbado do pós-64, da retórica dos anos 60, do medo generalizado e do Cinema Novo.

A estética do Cinema Novo e os temas dos anos 60 são mais que meramente citados neste longa-metragem de estréia do diretor Alberto Graça. A câmara é fria — como acontecia nos primeiros filmes do Cinema Novo —, mas tão fria que às vezes dá a impressão de ser supérflua. Ela não registra o que os personagens são: limita-se a reproduzir o que eles dizem. O cinema parece, freqüentemente, um intruso, exigindo uma narrativa que a obra não está disposta a dar. Em conseqüência, **Memórias do Medo** cheira muitas vezes a reminiscências nostálgicas que o autor por certo não procurou. Arregimenta bons atores — Walmor Chagas, Cláudio Marzo, Xuxa Lopes — que sofrem com a confusão de seus personagens. Tem as características físicas de um filme, mas poderia ser um livro ou uma fita gravada sem que muitos se dessem conta da diferença".

Que **Memórias do Medo** tem uma marca literária mais forte do que o ideal, isto é inegável. Como é inegável uma série de qualidades do filme, em especial a fotografia e o desempenho de atores. E também, a coragem do roteiro.

SQS-SQI

O filme de Sérgio Rezende (**O Sonho Não Acabou**, ex-SQS-Salve-se Quem Souber) é o que melhor utilizou a cidade como cenário e motivo temático. Inspirado no caso Ana Lídia e em outros acontecimentos e personagens locais, o filme é o mais brasiliense dos longa-metragem programados na **Mostra do Jubileu de Prata**.

Apesar da boa receptividade crítica — recebeu o prêmio dos críticos cinematográficos no Festival de Gramado de 1981 — **O Sonho Não Acabou** não atingiu, a contento, o seu público-alvo: a juventude.

O crítico Paulo Moreira Leite curtiu esta "Balada Juvenil":

"Na cartilha dos novos cineastas brasileiros, um rock com Mick Jagger pode ser tão empolgante quanto os diálogos e as imagens de um filme como **Terra em Transe**, de Glauber Rocha. Confiando neste ensinamento, o carioca Sérgio Rezende, um ex-roqueiro, fez um filme onde inverte o mais conhecido mandamento de John Lennon: **O Sonho Não Acabou**. Embalados pelas músicas que ele mesmo compôs, seis jovens apostam corrida de automóvel e jogam flipperama, esperam pela chegada de discos voadores e freqüentam templos místicos. Construindo situações ora dramáticas, ora divertidas, mas sempre inteligentes, Rezende mostra que o sonho ainda existe — ainda que pareça, apenas, uma sincera vontade de resistir aos pesadelos reais.

"A revolução do cinema era boa mas ficou limitada aos intelectuais", explica Rezende. A partir desta idéia, fez um legítimo filme-rock, onde a trilha sonora substituiu alguns diálogos e, às vezes, cenas inteiras. E o que acontece já no primeiro minuto, quando o protagonista Danilo Biela (Chico Diaz) é apresentado ao espectador. Dispensando as tradicionais imagens em flash-back, Rezende utiliza apenas uma música chamada **Salve-se Quem Souber**, de Paul de Castro, Gelson Oliveira e dele próprio, para contar sua história e resumir suas preocupações.

Subir na Vida — Filho de um pedreiro que também teve um sonho mais antigo, o da construção de Brasília, "quando a gente queria unir o Brasil inteiro atrás de nós", Danilo começa suas aventuras onde os heróis de **Easy Rider** terminaram as deles — numa estrada, ao lombo de uma motocicleta em alta velocidade. A imagem não é gratuita, mas funciona como a marca registrada do filme e de seus personagens, movidos por aspirações mais pragmáticas e menos generosas. Em vez de maior liberdade ou qualquer outra modificação nos costumes, Danilo quer subir na vida e deixar o barraco de madeira onde vive com a família, numa cidade-satélite de Brasília, cenário geográfico e social de **O Sonho Não Acabou**. Seu companheiro Silveirinha (Miguel Falabella), filho de um alto burocrata do governo, prepara-se para o dia em que será chamado para exercer o poder — e se diverte traficando cocaína. Também não falta um caso de amor, encenado por Ricardo (Lauro Corona) e Lucinha (Lucélia Santos). Lançando mão de personagens sempre em conflito consigo mesmos ou com os outros, Rezende cria boas oportunidades para a crítica social e à ironia. E aproveita todas.

Assim, para falar da família brasileira dos anos 70, vai direto à fonte — as novelas —, ao mostrar que, às vezes, é a vida que imita os sucessos da televisão. Numa cena rodada em video-teipe, com marcação, ritmo e entonação de novela das 8 da Rede Globo, os pais de Lucinha tentam convencê-la a mudar de vida. Não só fracassam na iniciativa como o público é brindado com um truque eletrônico onde, pela superposição de imagens, a moça acaba literalmente perdendo a cabeça. Desse modo, Rezende fez um filme duplamente fiel aos Beatles. Em primeiro lugar, porque **O Sonho Não Acabou** pode ter momentos tristes e até chocantes, mas nunca perde o balanço. Em segundo porque mostra que, quando se encara o sucesso pelo seu lado mais superficial — o dinheiro — é porque a era dos grandes sonhos de John Lennon e de toda uma geração acabou mesmo.

Restaram os pequenos projetos do dia-a-dia".

MUDA BRASIL

No domingo, Tancredo Neves estará na tela do Cine Brasília, como figura central do documentário **Muda Brasil**, de Oswaldo Caldeira. Se sua agenda permitir, ele será, também, um dos espectadores. Agindo assim, o presidente eleito terá o prazer de conferir filme que o mostra como "a figura-chave do governo da transição entre o autoritarismo dos 20 anos de regime militar e o novo tempo".

Caldeira, diretor do filme, é um documentarista experimentado. Além de vários curtas, realizou um longa muito apreciado: **Afonsinho Passe Livre**. Suas incursões pela ficção não agradaram muito: **Ajuricaba, o Rebelde da Amazônia** e **O Bom Burguês**. Sua volta ao documentário está causando grande expectativa.

Muda Brasil é um documento dos últimos 12 meses que abalaram o País, ou seja, os meses que foram palco da luta pelas eleições diretas, das convenções do PDS e PMDB, dos comícios do candidato Tancredo Neves, e do nascimento da Nova República. Como contraponto, o filme mostra depoimentos de políticos como Marco Maciel, Brizola, Lula, Camilo Penna; do almirante Maximiano da Fonseca, do jornalista Marco Sá Correia, do publicitário Mauro Salles, dos artistas Mário Plamerio e Arthur Moreira Lima, e do próprio Tancredo Neves, que dá o fecho do filme.

Produzido por Paulo Thiago, **Muda Brasil** não recorreu uma quantidade significativa de material de arquivo. Preferiu o material colhido no calor da hora.

PROGRAMA

Dia 4 (**segunda-feira**): Cine Brasília, 21 horas — Pré-estréia de **Patriamada**, de Tisuka Yamazaki, com Débora Bloch, Walmor Chagas e Buza Ferraz. Entrada mediante convite. Acompanha o filme o curta-metragem **Fala Brasília**, de Nélson Pereira dos Santos.

Dia 5 (**terça-feira**): sessões às 20 e 22 horas do programa **Cinema Brasiliense**, composto de quatro filmes de Vladimir de Carvalho (**Vila Boa de Goyaz, Quilombo, Brasília Segundo Feldman** e **Vestibular 70**). Ingressos na bilheteria do Cine Brasília. Cr$ 4.000.

Dia 6 (**quarta-feira**): sessões às 20 e 22 horas. **Brasília, Contradições de Uma Cidade Nova**, de Joaquim Pedro de Andrade e **A Difícil Viagem**, de Geraldo Moraes. Com Paulo José, Zaira Zambelli e Roberto Bonfim. Ingressos na bilheteria do Cine Brasília. Dia de meia-entrada: Cr$ 2.000.

Dia 7 (**quinta-feira**): sessão única, às 21 horas. **A Idade da Terra**, de Glauber Rocha. Com Norma Benguel, Ana Maria Magalhães, Tarcísio Meira Antônio Pitanga, Jece Valadão. Ingressos na bilheteria do Cine Brasília. Cr$ 4.000.

Dia 8 (**sexta-feira**): sessões às 20 e 22 horas, de **Seu Ramulino**, de Marvos Mendes, e **Memórias do Medo**, de Alberto Graça. Com Xuxa Lopes, Cláudio Marzo, Walmor Chagas, carlos Gregório. Ingressos na bilheteria do Cine Brasília. Cr$ 4.000

Dia 9 (**sábado**): sessões às 20 e 22 horas, de **Conversas Parale las**, de Pedro Anísio, e **O Sonho Não Acabou**, se Sérgio Rezende. Com Lucélia Santos, Louise Cardoso, Miguel Falabella, Chico Diaz. Ingressos Cine Brasília. Cr$ 4.000

Dia 10 (**domingo**). Sessão única às 21 horas. Pré-estréia de **Muda Brasil**, documentário de longa-metragem, em cores, de Oswaldo Caldeira. Complemento: curta-metragem **Taguatinga em Pé-de-Guerra**, de Armando Lacerda. Entrada mediante convite.